

O NACIONALISMO RUBRO DE CARLOS GOMES

AMPLIAÇÃO DO SEU BAIRRISMO

A quem estuda a vida de um artista ou cientista, é indispensável, para o perfeito conhecimento do biografado, das tendências da sua obra e dos rumos que o orientaram em sua carreira, conhecer suas intimidades, confidencias e desabafos que só se encontram na sua corres ou nas notícias e referências dos seus íntimos.

Uma carta esclarece, às vezes, com o que se sabe vagamente da vida de um retratado, as minúcias que não vem a público mas são registradas através dessa documentação de intimidade.

Quanto a Carlos Gomes, homem de temperamento ardoroso e agitado, mordido pela ambição e glória na carreira musical e perturbado em sua vida brilhante e intensa por tantos e tão variados fatores, o seu conhecimento só emerge, completo, através da sua correspondência, em parte publicada, mas na parte maior e mais íntima ainda conserva da nos maços de papéis velhos de descendentes do velho Sant' Ana Gomes ou perdido na de alguns dos seus amigos diletos.

O maestro escrevia com desembaraço, certas vezes com extraordinária precisão em suas cartas, passagens vivas, risonhas e graciosas em que o chiste irrompe, frequentemente, com esfusante alacridade.

E, com esse estilo natural e rico de movimento, como quem conversa despreocupadamente, aparece e se impõe e faz notar, o seu ardente apego à terra natal, aquela Campinas de sua infância de traquinagens quando a vila derramada em torno de vários correços e nascentes, ia passar de povoado para ci

dade, o que se daria em 1842, quando o filho do Maneco Musico andava nos seis anos de idade. Com as plantações de café iniciadas pelo patriarca Francisco Egidio de Souza Aranha e depois alastradas, substituindo a cultura de canas de velhos engenhos, a cidade foi subindo, dos seus 5.000 habitantes, para duplicar em dois lustros.

As impressões que aquele menino garoto guardou do período de correrias com outros companheiros e furtivas escapadas para as matas vizinhas que circundavam a cidade deixaram impressões inapagáveis em sua memória e imprimiram à sua personalidade esse feitio brasileirissimo que fecunda sua obra artística e transparece, em muitas das suas páginas com um relevo preponderante, dando côr brasileira e rumor de mata, com seus verdes tropicais, a muitas páginas que ficaram sendo instantaneos descritivos da terra brasileira. Todas essas impressões ele bebeu a largos goles naqueles dias de infancia, ao contato das terras férteis de Campinas que, na informação do viajante A. Emilio Zaluar, que por ali andou em 1860, atraíam habitantes de cidades e vilas próximas ou distantes, como Itú, Cotia, Parnaíba, Jundiaí e Mogi-Mirim.

Em 1860 o mesmo Zaluar ali encontrava densas com árvores de grande porte, nas cercanias da cidade. Mas a cidade crescera e o viajante para dar a medida do seu progresso, informa que "em produção agrícola e fortunas locais s só tem paralelo com a cidade de Bananal"...

Carlos Gomes nasceu em 1836 quando sua terra era ainda a Vila de São Carlos. Por uma auspiciosa predestinação

Carlos era, tanto a terra, como o caboclinho de tez tostada que iria ser, no futuro, o celebrador das suas belezas e encantos, através da arte em que se tornou insigne. Pode-se, pois, afirmar, sem figuras literarias, que Campinas nasceu com ele, quando o Tônico, menino travesso e endiabrado, andava em correrias esturdias pelos matos que circundavam a vila risonha, espalhada em torno de quatro igrejas, pouco mais do que capelas, pois as paredes da Matriz Nova, que vagarosamente iam sendo erguidas em 1845, iriam ter a sua primeira cobertura de telhas. Era, portanto, meio fazenda ou, mais precisamente, uma cidade em que os habitos das fazendas, das roças, das culturas que se abriam, oferecia impressões deliciosas de vida pacata, em permanente contato com a natureza circundante. Esses dias de infancia lançaram em sua personalidade raízes poderosas que nenhuma outra força ou circunstancia, na sua agitada carreira artistica, pode destruir nem, mesmo, deformar.

Quem quizer reconhecer cabalmente a personalidade do autor do "Guarani" e nela descobrir o sentido brasileiro da sua musica, com seus impetos e seus defeitos, não pode desprezar o cenário em que o artista passou sua meninice e plasmou a sua personalidade artistica de tão forte envergadura. E isso poderá avaliar com segurança procurando nas expansões des preocupadas da sua correspondencia como mantinha vivos e fortes, os quadros evocativos daquele periodo da sua formação.

Numa dessas cartas talvez a mais saborosa de todas, escritas a um amigo e companheiro de tropelias, José Emidio Ramos

Junior, em 1894, em hora de evocação saudosa e bem humorada - num intervalo feliz da sua já tão amargurada situação - traça ele com extraordinária força evocativa aspectos da sua cidade, nos dias da sua meninice, como esses quadros de campos, de fazendas e de povoados que, para qualquer de nos, despertam imagens saudosas de um tempo que se foi mas deixam fundamente vineadas suas doces impressões. As folhas manuscritas da carta valem, como força descritiva, algumas de suas melhores paginas musicais.

"Velho amigo Zé Enidio:

Podes imaginar o prazer que tive em receber tua carta de 15 de fevereiro, pois tem sido raras as vezes que conversamos de longe.

De longe é modo de dizer, pois longe já quase que andam os tempos da nossa primeira mocidade; mas nos ainda a avistamos, sem precisão de olhos - com o pensamento!

Com o pensamento eu, daqui, vejo ainda as ruas de Campinas, do tempo da nossa pendega da primeira idade.

Vejo ainda as taipas que cimentam os quintais, algumas delas desfeitas pelas chuvas; vejo cercas de quarantã desmanchadas pela velhice do cipó.

Vejo ainda os orejos da Bica Grande povoados de jurumbeva, de

caragoatá, de cargos e despenha-
deiros servindo de ninho aos so-
cos e nhaçanãs.

Vejo as enxurradas que do Lar-
go do Rosario descem pela rua "das
Casinhas", carregando com tudo quan-
to é sapo morto, galinha, podre, sa-
patos e chinelos rasgados, cestos,
jacás, todo um pandemonium, a des-
pejar nos corregos que tortuosamen-
te existem até para lá dos quintais
do vermelho e talentoso advogado dr.
Sampaio!

E linhas, adiante, descrevendo figuras da
vila, em traços caricatuais:

Vejo o Tico Duarte ser o primei-
ro a comparecer vestido de "Seu Capi-
tão da Guarda. Não Sou Nada", à espera
dos soldados que tardavam a se formar
no Largo da Matriz "Véia" para a pro-
cissão, sendo ele, Nho Tico, compadre
do imperador da festa do Espirito San-
to, na ocasião...

Vejo o Tico Custodinho vestido de
"Seu alferes, ter medo de bombas de ba-
teria da porta da igreja e tirar a bar-
retina para cobrir a cara, deixando ca-
ir a espada (que foi logo apanhada por
um moleque...) - menos mal!

E, em seguida, falando de si próprio em li-
nhas de risonha descrição:

Vejo até Tonico do Manéco Músico
(ele mesmo!) vestido de anjo de procis-
são e só a olhar para o ar, acompanhan-

do o giro de cada foguete...
De repente vejo-o despregar-
se do guia e ir pegar rojão!
Eta... diabo de menino!"

A carta é longa para ser reproduzida por inteiro. Mas o que dela aí fica, em seu tom familiar, de conversa entre dois amigos de infância, um em Campinas, ou--tro em Milão com a linguagem que ambos usavam e aquelas tiradas cômicas ou picarescas, fazem dela uma admirável documento e pintam a Vila de São Carlos daqueles dias recua--dos para mais de cinquenta anos, com uma portentosa fôrça descritiva.

Por ela se vê que a impressão da terra, que o dominava no fim da vida, através de tantas vicissitu--des, constituíam para ele, homem de espírito cadente, de genio desigual, ora bravo, ora cheio de enternecimentos, a poderosa força interior que o nutria e lhe dava vigor sempre renovado para outros embates.

Esta impregnação visceral de tipos e ima--gens daquele pedaço de chão brasileiro com a exuberância da sua mata e o colorido vibrante dos seus céus, domina a sua musica e transparece saudosa e viva, tanto nos acor--des precipitados e fortes da protofonia do "Guarani", co--mo nos acentos dolorosos da Ilara, no 3º ato do "Schiavo", ao soluçar - "O ciel di Paraíba - ove sognai d'amor...". O contato com o mundo musical italiano, não obstante seu alto nível artístico e a intimidade com as figuras da ter--ra peninsular, na roda agil, viva, igualmente arrebatada e generosa dos seus componentes, não deformou, nem substitu--iu por outras as raízes brasileiríssimas que ele trazia no fundo dalma. Na Italia que ele tanto amava, terra que o acolheu com fervores iguais aos que dispensava aos seus

próprios filhos e lhe deu, além do ambiente favorável à irrupção plena do seu talento, uma esposa que foi para Gomes companheira compassiva, terna e cheia de candores, na Itália ele recebeu e absorveu lições e ensinamentos que aperfeiçoaram sua arte e lhe deram base mais segura e mais larga no manejo da escrita musical e na sutilezas da harmonia e do contraponto, sem que, contudo, a imaginação perdida sempre saturada de lembranças do chão campineiro, se eclipsasse ou cedesse a impressões do meio civilizado em que trabalhava.

É esta a feição dominante da sua produção artística, que foi mal apreciada e, mesmo, injustamente deturpada, quando se dizia que aquele caboclinho agitado e febril de brasileiro só possuía a cor morena bronzeada de brasilindio, mas no resto era músico italiano e que italiana era toda a sua produção.

Ninguém, como ele, foi mais "nacional" na sua obra artística, que esta impregnada desse apego à terra que, como me dizia outrora um amigo campineiro, ao descrever com dedos espalmados as últimas linhas de seus cafezais e para me dar idéia do que era, para esses lavradores forjados na terra a atração que por ela sentiam - "é tão forte como o amor duma mulher". No Gomes essa afeição foi das mais vibrantes e das mais duradouras - tão duradoura que resistiu à incompreensão da gente daqui e ao descanso de homens de seus governos, quando o deixaram quase entregue ao próprio destino em épocas de angustias financeiras e de desalento que, entretanto, não abalaram aquela pertinácia que sempre manteve em conservar a nacionalidade brasileira, guardando em sua casa, quando se sentiu condenado pela dolorosa moléstia, um saquinho cheio de terra de Campinas Velhas, sobre o qual desejava repousar a cabeça quando fosse mandado à sepultura.